

CRISTIFICAR NOSSA SENSIBILIDADE

“Tenho compaixão desta multidão”

Cada pessoa é o que é sua **sensibilidade**; e cada um faz o que lhe dita sua **sensibilidade**.

Fazemos aquelas coisas às quais somos sensíveis; e deixamos de fazer tudo aquilo a que somos insensíveis. Mais ainda, a **sensibilidade** tem tanta força na vida, que acaba modificando até as convicções mais firmes e, em geral, a maneira de pensar.

A **sensibilidade** não é o mesmo que a **vontade**. A vontade é **decisão**, enquanto a sensibilidade é **atração**. Aqui está o segredo e a chave do comportamento humano. É claro que as decisões influem na conduta da pessoa, mas são esporádicas. A **atração**, ao contrário, está presente em todas as horas, em cada ato, em cada momento, a ponto de, freqüentemente, não sermos capazes de resistir ao que nos atrai. Por isso, é correto dizer que somos sensíveis àquilo que nos atrai, que nos agrada, que nos seduz e, acima de tudo, a tudo que nos tira de nós mesmos e, nesse sentido, nos arrasta.

As situações mais importantes da vida, principalmente quando se trata de sofrimento, de bem-estar ou desfrute da vida, só podem ser administradas adequadamente com base na **sensibilidade** e não com base na lógica da **razão**.

Por isso, segundo Lévinas *“a ética é uma nova sensibilidade para com os outros”*.

Aquele que é sensível diante da dignidade, dos direitos ou da dor de outra pessoa, se comportará de maneira correta com quem estiver diante dele. Do mesmo modo, aquele que é insensível diante das situações humanas com as quais se depara na vida, por muitas que sejam as ideias morais que tenha armazenado em sua cabeça, será um indigno, um indiferente diante da dor alheia, um violento.

Nesse sentido, a **sensibilidade** é o motor da vida e da conduta.

Com relação a Jesus, quando os Evangelhos tratam da sua **sensibilidade** utilizam o verbo grego **“splanchnizomai”**, que se constrói a partir do substantivo **“splanchnon”**, que, no plural, indica os órgãos internos, a entranhas do homem ou do animal. Daí que, em sentido figurado, os **“splanchna”** são considerados como a sede dos sentimentos.

Os relatos evangélicos lançam mão desse verbo grego quando se referem a situações humanas de emoção extrema que nós, humanos, experimentamos em determinadas situações (Ex: pai do filho pródigo; o bom samaritano...)

Portanto, quando os Evangelhos utilizam esse verbo, para fazer referência às relações ou comportamentos de Jesus, na realidade, o que falam é algo que diz respeito à **sensibilidade** de Jesus.

No caso de Jesus, o verbo **“splanchnizomai”** significa literalmente **“sentir uma comoção das próprias entranhas”**. Expressa, portanto, uma reação visceral, a sensação mais íntima e humana que uma pessoa pode experimentar.

É importante perceber que a sensibilidade de Jesus é mencionada nos evangelhos somente quando se trata de situações de sofrimento dos outros. Jesus reagia visceralmente diante daquele pobre povo que desfalecia de fome (Mc. 6,34; 8,2); Jesus não suportava ver pessoas passando necessidade, não agüentava a dor dos outros; sua sensibilidade não tolerava isso.

A **sensibilidade** não se mantém quieta diante da dor e da desgraça. Ao contrário, quando alguém é insensível diante de determinada situação, dizemos que permanece **“indiferente”** ao que ali acontece. Existe, portanto, uma equivalência clara entre **insensibilidade** e **indiferença**.

E a indiferença é pior que a violência, ou seja, a indiferença diante do sofrimento provoca mais dano que a violência que causa o sofrimento.

Sem dúvida, quem melhor se deu conta da gravidade violenta da indiferença foi Jesus de Nazaré (Ex: parábolas do rico epulão e o pobre Lázaro – Lc. 16,19-31; o bom samaritano – Lc. 10,25-37; o juízo final – Mt. 25,31-46...)

Portanto, a **sensibilidade** humana diante do sofrimento ou da felicidade das pessoas não é um critério que se baseia em um princípio religioso. A sensibilidade não tem como fundamento nenhum dogma sagrado, nenhuma norma revelada nem lei sobrenatural alguma.

Por isso, pode-se dizer que se trata de um **princípio ético universal**, que transcende todas as culturas e religiões, de maneira que, precisamente por isso, está presente onde há humanidade.

A **sensibilidade** é comum a todos e é prévia a toda afirmação religiosa.

(cf. José M. Castillo, A ética de Cristo)

Todo este mundo dos afetos que Inácio dá por suposto que estão condicionados e afetados desordenadamente, tem muita relação com o problema da **sensibilidade**. Nossa sensibilidade não é tão neutra quanto imaginamos. **Somos nossa sensibilidade**. Não somos nem o que pensamos nem o que desejamos em um momento concreto, porque isto muda continuamente.

Quando nós desejamos algo profundamente é porque antes o temos visto, o temos ouvido ou tocado.

Diz Shakespeare: *“porque nossa sensibilidade, soberana de nossas paixões, lhes dita o que devem amar ou detestar”*. Nunca vamos fazer uma coisa que não gostamos, que nos repugna, que “não cheira bem”. O decisivo é nossa sensibilidade.

Quando uma pessoa tira uma carteira de motorista, sabe muita teoria, mas sua sensibilidade ainda não está feita. *“Não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear internamente”*.

Se o novo motorista dirige diariamente seu carro, ao final de um ano já conduzirá perfeitamente. Quê aconteceu? É que seu tato, vista, ouvido, se estruturaram nessa atividade chamada “saber conduzir”.

É nessa direção que vai o sentido do “conhecimento interno”. Através da repetição, a **sensibilidade** adquiriu o conhecimento pleno. A sensibilidade é o cume do conhecimento. Quando nossa sensibilidade se incorporou a uma atividade, fazemo-la espontaneamente.

Do mesmo modo, quem toca piano ou violão tem a sensibilidade do instrumento incorporada a seu conhecimento, porque a sensibilidade é o cume do conhecimento.

Por que Inácio insiste em imitar a Cristo no uso dos **sentidos?** (EE 248). Porque se nossa **sensibilidade** fosse a de Jesus, nossa práxis estaria melhor resolvida. A sensibilidade é a que está em contato com a realidade; a práxis é determinada não pelo que pensamos, nem pelo que desejamos, porque somos incoerentes com o que pensamos, somos mutantes em nossos afetos, mas somos tremendamente constantes em nossa sensibilidade. Inácio quer que nosso seguimento de Jesus culmine através da **aplicação dos cinco sentidos**. É ao mundo da sensibilidade que devemos ter acesso através da repetição, para que ela vá se estruturando de uma maneira diferente.

A **sensibilidade** que nos põe em comunicação com a realidade, culmina na “Contemplação para alcançar amor”. Quando nossa sensibilidade vai se incorporando à sensibilidade de Cristo, ela se converte em saber perceber a realidade como oportunidade. Ser **contemplativo na ação** é haver internalizado a sensibilidade de Jesus, porque a sensibilidade totaliza a pessoa, a envolve globalmente.

“Desbloquear a sensibilidade para desembotar o coração”

Quando a **sensibilidade** se reestrutura, quando sabe captar e responder à realidade a partir da sensibilidade de Jesus, a experiência está garantida. A única maneira de mudar a conduta é mudar de sensibilidade; mas nós, muitas vezes, queremos seguir o caminho contrário: queremos mudar o coração primeiro.

E o único caminho possível para a mudança de coração é ter acesso à sensibilidade para desmontar as construções fechadas, ali onde os olhos se fecharam e se embotou o coração.

Nem um grande entusiasmo, nem um profundo conhecimento, nem um desejo intenso, senão a prosaica **repetição** é a única que vai desmontando as estruturas de nossa sensibilidade. É preciso desmontar uma sensibilidade para criar outra. Quando nossa sensibilidade vai sendo a de Jesus, os desejos vão se ordenando a partir desta sensibilidade reestruturada.

Se minhas repugnâncias são as de Jesus, meus desejos não irão para onde tenho repugnância. Só uma sensibilidade mais próxima à de Jesus vai garantir certa estabilidade na pessoa.

O cume e a genialidade mais séria de Inácio nos EE é a acentuação da sensibilidade frente a todo o resto.

(cf. Adolfo Chércoles, sj – La afectividad y los deseos – Eides n. 16)

Uma nova sensibilidade contemplativa

Através de todo este processo vemos como se podem ir convertendo nossos **sentidos**. Diante de uma paisagem um pintor verá todas as cores, um engenheiro verá o traçado de uma possível urbanização, um ecologista olhará as espécies que é preciso conservar. Um **contemplativo** verá a dimensão última da realidade, onde Deus trabalha sem receso para que a vida que Jesus trouxe possa ser vivida em plenitude.

Esta maneira de perceber a realidade pode despertar em nós dinamismos de vida formidáveis, em vez de deixar-nos paralisar e entristecer pelo desencanto. S. Inácio nos Exercícios nos propõe contemplar como Jesus se aproximava com seus cinco sentidos à realidade. Jesus descobriu na realidade destruída de seu tempo que o Reino de Deus estava no meio do povo. Este processo que descrevemos é o que nos permite nascer de novo para ver o Reino de Deus. *“Não há nada profano para quem sabe ver”* (Teilhard de Chardin)